

necessariamente, se coloca a questão da relação sexual, esta questão que estava apagada da perspectiva da relação com o Outro.” **p. 102-103**

“(…) Tomemos a questão do parceiro-sintoma. É uma nova definição do grande Outro. É o grande Outro definido como meio de gozo. Isso concerne ao grande Outro sob duas formas: primeiramente o Outro representado pelo corpo e, em segundo lugar o Outro como lugar do significante. A promoção do corpo em Lacan não anula absolutamente o Outro como lugar do significante. Ela coloca simplesmente mais em destaque que o significante é, ele próprio, um meio de gozo.

É aqui que toma sentido a fórmula – não há relação sexual. Ela quer dizer que o falasser, como ser sexuado faz parceria, não no nível do significante puro, mas no nível do gozo e essa ligação é sempre sintomática.” **p.106**

“(…) o parceiro-sintoma do homem tem a forma *fetiche*, enquanto que o parceiro-sintoma do falasser feminino tem a forma *erotomaniaca*. Isso se vê no passe: os homens, de início, têm de resolver a questão da fantasia, da forma fetiche que as fantasias impõem ao parceiro, enquanto que o falasser feminino na análise tem, em primeiro lugar, de resolver a questão do amor, e é isso a erotomania. Da mesma maneira que a Bíblia diz que o homem terá Sodoma e a mulher terá Gomorra, poderíamos crer que há uma maldição que diria que o homem terá o fetiche e a mulher a erotomania.” **p. 109-110**

“(…) Do lado feminino o falasser impõe ao parceiro uma forma distinta, em função, precisamente, da ilimitação do gozo. Para aproximá-lo, pensemos no papel central da demanda de amor na sexualidade feminina. A demanda de amor desempenha na sexualidade feminina um papel incomparável ao lado masculino. A demanda de amor comporta, em si mesma, um caráter absoluto e uma visada ao infinito, que é manifestada no fato de que o Todo não está formado, o Todo não faz Um, e isso abre para o infinito, além de tudo o que se pode trocar de material, tudo que pode se oferecer como prova. É uma demanda que incide sobre o ser do parceiro, e é isso que desnuda sua forma erotomaniaca – que o Outro me ame.” **p. 111**

“(…) No que diz respeito ao parceiro do falasser feminino há dois axiomas que temos de guardar no espírito se não quisermos ser embrutecidos.

Em primeiro lugar, para amar é preciso falar; o amor é inconcebível sem a palavra, justamente amar é dar o que não se tem, e não se pode dar o que não se tem senão falando, porque falando damos a nossa falta-a-ser. É ainda melhor quando falamos de amor, mas não é de jeito nenhum necessário, porque há mulheres que se satisfazem muito bem se o parceiro as critica, contanto que ele

Jacques-Alain Miller

lhes fale. O verdadeiro problema do lado feminino é forçar o homem a falar, ao invés de olhar a televisão, ler o jornal ou ir ao jogo de futebol, mas enfim, as mais inteligentes vão com eles ao futebol; aliás para o homem é melhor falar, porque se ele não fala, vai ser ela quem vai falar e reclamar que ele não fala.

Segundo axioma: para gozar é preciso amar; isso é, verdadeiramente, uma exigência do lado feminino e eu poderia escrever a sequência – falar, amar, gozar. Do lado feminino não se pode gozar senão da fala, de preferência da fala de amor, mas não apenas.” **p. 112-113**

“(…) Escrevo o falasser feminino como Não-Todo que se dirige ao parceiro e, se dirige pela demanda de amor, que é pontencialmente infinita e que retorna ao parceiro feminino precisamente sob a forma de devastação. Com efeito, podemos dizer que, em função da estrutura do Não-Todo, o parceiro-sintoma da mulher torna-se o parceiro devastação. A devastação é a outra face do amor, é o retorno da demanda de amor, o que quer dizer que é como o sintoma, exceto que tem o índice de infinito.” **p.114-115**

III /b.2 Outros textos

Miller, J.-A. A ex-sistência. (2006-2007). In: Opção Lacaniana Nº33. São Paulo, Edições Eolia, 2002. Tradução Vera Avellar Ribeiro

“(…) O que é uma psicanálise na história da metafísica? Uma psicanálise põe o falasser à prova do sentido. Ela põe o que para ele faz sentido à prova do enunciado. Ela põe à prova um ser que só deve esse ser ao sentido. Ela o põe à prova do sentido que se segue à cadeia significante. E a questão é a de saber se, dessa prova, ele acede a um real, quer dizer, se ele acede a uma posição que existe ao sentido.” **p. 14**

“Lacan vai operar esse deslocamento em seu último ensino, quando falar do falasser; ou seja, quando ele situará o ser do lado do simbólico. O falasser é uma outra maneira de dizer o sujeito. O seu ser está sempre do lado do simbólico. Há também o ser do lado do imaginário, quando o balizamos sobre a unidade do corpo, e aqui falamos do corpo falante e de seu mistério. Mas o ser se eclipsa diante do real. É disso que se trata no último ensino de Lacan, que decide então operar, de saída, com as três dimensões, sem reservar ao real esse para além da travessia. Ele o reinclui, o situa e o articula, de primeira, em sua arquitetura nodal.” **p.21**